

O QUE É O PURGATÓRIO



INTRODUÇÃO

A vida cristã tem dimensão escatológica. O cristão é *homo Viator*, sabe que, além da morte, poderá viver em conexão total com a vida divina (Céu) ou uma total alienação Deus e dos outros (Inferno). Como *homo viator*, sabe que a sua existência tem sentido: ele não caminha para o vazio, mas para a plenitude da felicidade: o amor trinitário. Porém, neste mundo, tem que passar por um longo processo de «santificação». O Purgatório seria este estado de purificação que se prolonga depois da morte, afim de alcançar a santidade necessário para alcançar a felicidade eterna do Céu, o que chamamos «visão beatífica»

O Catecismo da Igreja Católica ensina que nela existem três estados: *«uns peregrinam na terra, outros, passada esta vida, são purificados, e outros, finalmente, são glorificados e contemplam “claramente” Deus trino e uno, como Ele é”*. (CIC 954).

Para chegarmos à «visão beatífica» é necessário atingirmos a perfeição da santidade. Como cristãos reconhecemos o nosso o seu «estado de peregrinos» neste mundo à caminho da pátria celeste; estamos num processo de conversão continua e, nem sempre, somos fiéis à vontade de Deus, por isso, talvez, não estaremos preparados para vida eterna. Esta constatação coloca-nos alguma questão: será que seremos excluídos da pátria celeste? Haverá, depois da morte, alguma possibilidade de nos purificarmos?

A vida terrena é um processo contínuo de purificação. Imediatamente depois da morte a alma (a pessoa) enfrenta o juízo particular. Será julgada segundo as suas obras. Se forem boas obras, terá como destino a glória eterna do Céu; se forem más, terá como destino a condenação eterna do Inferno; se na hora da morte lhe restam alguns pecados veniais, terá que passar através de uma purificação temporária, o Purgatório. O Purgatório é, portanto, o estado de purificação que continua depois da morte.

O Purgatório faz parte integrante da nossa fé, mas teve um longo processo de reflexão teológica ao longo dos séculos, até aos nossos dias. É o que iremos estudar neste artigo.

A IMAGEM TRADICIONAL DO PURGATÓRIO

As representações figurativas das almas que ardem nas chamas do Purgatório vem da Idade Média. Naquela época dominava o analfabetismo e grande parte dos crentes não tinha acesso aos livros, por isso, a pintura e a escultura constituíam para eles uma catequese visual. A florescente produção de quadros pintados que

representava as almas no meio das chamas purificadoras do Purgatório acabou por se estabelecer na cultura religiosa do povo.

Pelo século IX estava basicamente aceite esta doutrina católica sobre este lugar de purificação, que nos séculos seguinte seria confirmada pela autoridade da teologia de São Tomás de Aquino.

A imagem do *fogo purificador*, teve grande sucesso na reflexão teológica porque se encontra na Sagrada Escritura, nomeadamente no Livro do Apocalipse, onde se fala do «*lago de fogo*». Esta imagem é sempre referida ao Inferno, mas, a partir do VIII século, quando esta doutrina começava a ser conhecida, a imagem de «*lago de fogo*» foi aplicada, com as devidas diferenças, ao Purgatório. De facto, existe uma grande diferença entre o fogo do Inferno e o fogo do Purgatório: o Inferno é tenebroso, o Purgatório é luminoso. No Inferno dominam figuras demoníacas terrificantes; no Purgatório, as almas estão rodeadas de anjos e diversas figurações da Virgem Maria e de Cristo que faz fluir sobre elas o Seu Sangue redentor; e as almas estão sempre em movimento ascendente para o Céu.

Na mente dos fiéis proliferavam incertezas acerca da natureza do Purgatório: o que ele é realmente? Onde se encontra? Qual é a sua duração? Dúvidas que reclamavam um esclarecimento. Vários livrinhos devocionais procuravam dar respostas, como por exemplo o livrinho «*Mês das almas*» e o livrinho «*O lugar do Purgatório*». Neste último, o autor, tenta localizar o Purgatório, recolhe as diversas ideias, desde pensar que poderia estar situado perto do Inferno, ou num lugar qualquer debaixo da terra.

A ideia de uma purificação das almas depois da morte permaneceu sempre viva na mente dos fiéis, tanto que se tornou comum pensar que todos teremos que passar pelo Purgatório, pois somos pecadores e provavelmente à hora da morte não estaremos preparados para o Céu. Atrás desta maneira de pensar esconde-se a conceição do Purgatório como sendo um lugar. É muito difícil mudar esta ideia, pois estamos condicionados pela cultura religiosa herdada dos nossos antepassados. Por isso, justamente, o Papa Bento XVI recorda a originalidade de Santa Catarina de Genova: «*o fogo purificador é um fogo interior, é o fogo do Amor divino que putrifica as almas*» até à plena comunhão com Deus.

O PURGATÓRIO NA SAGRADA ESCRITURA

A palavra «purgatório» não se encontra na Sagrada Escritura, mas, nela se encontra o seu conteúdo, isto é, a purificação das almas depois da morte. Um texto sugestivo, encontra-se no Antigo Testamento, no Segundo Livro dos Macabeus:

Judas Macabeu mandou fazer uma colecta, recolhendo cerca de duas mil dracmas, que enviou a Jerusalém, para que se oferecesse um sacrifício pelo pecado dos que tinham morrido, cumprindo uma ação digna e santa, pensando na ressurreição; porque, se não esperasse que os mortos ressuscitariam, teria sido vão e supérfluo rezar por eles. E acreditava que

uma bela recompensa aguarda os que morrem piedosamente. Era este um pensamento santo e piedoso. Por isso pediu um sacrifício expiatório, para que os mortos fossem livres das suas faltas. (2Mac 12, 42-46).

Este texto transmite a ideia de que os mortos podem beneficiar das orações dos vivos; isto pressupõe que depois da morte, haja um processo de purificação e que os mortos podem beneficiar da oração dos vivos. O Purgatório é precisamente o processo de purificação das almas depois da morte.

Infelizmente, os Livros dos Macabeus, que para a Igreja Católica entraram na lista dos livros *inspirados* e fazem parte do cânon da Bíblia, para as Igrejas reformada são considerados *apócrifos* e excluídos da lista dos livros inspirados, por isso, não conhecem o Purgatório. Para os católicos esses livros são chamados «*deuterocanónicos*» e garantem e reforçam a continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento: testemunham a crença já existente no povo de Israel de que os mortos precisam da oração dos vivos.¹ A Igreja Católica continuou esta prática de orar pelos mortos, já existente no povo da Antiga Aliança.

«No antigo judaísmo, existia a ideia de que é possível ajudar, através da oração, os defuntos no seu estado intermédio. Esta prática foi adotada pelos cristãos com grande naturalidade pela Igreja oriental e ocidental. O Oriente não conhece um sofrimento purificador e expiatório das almas no «além», mas conhece diversos graus de bem-aventurança ou também de sofrimento na condição intermédia. As almas dos defuntos, porém, podem ser «aliviadas» mediante a Eucaristia, a oração e a esmola. O facto de que o amor possa chegar até ao além, que seja possível um mútuo dar e receber, permanecendo ligados uns aos outros por vínculos de afeto para além das fronteiras da morte, constituiu uma convicção fundamental do cristianismo através de todos os séculos e ainda hoje permanece uma experiência reconfortante».²

De facto, desde os primeiros tempos, os cristãos oravam pelos defuntos, oferecendo para eles sufrágios, particularmente o Sacrifício eucarístico. A Igreja, ainda hoje recomenda a oração, a esmola, as indulgências e as obras de penitência e de caridade a favor dos defuntos. (Catecismo 1032)

No Novo Testamento, encontramos dois textos importante que reforçam a ideia de uma purificação das almas depois da morte.

O primeiro é do Apóstolo São Paulo que fala sobre de um “fogo” que testará o trabalho de cada logo depois da morte, em ocasião do juízo particular:

a obra de cada um aparecerá. O dia (do julgamento) irá demonstrá-lo. Será descoberto pelo fogo; o fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se a construção resistir, o construtor receberá a recompensa. Se pegar fogo,

¹ Os livros dos Macabeus são chamados «deuterocanónicos» porque foram incluídos mais tarde no cânon da Bíblia pela Igreja Católica. O texto de 2Mc, 12,42-46 constitui uma das referências mais claras de uma prática espiritual que envolve o bem das almas dos falecidos. Infelizmente, as Igrejas reformadas, no século XV excluíram estes livros da lista dos livros inspirados, e são por eles considerados «apócrifos». Por isso não acreditam na existência do Purgatório, pois não desenvolveram esta doutrina.

² Papa Bento XVI, encíclica «*É na esperança que fomos salvos*», 2017, n. 48.

arcará com os danos. Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo. (1Cor 3, 11-15),⁵

Ao momento da morte, a obra de cada um se manifestará e será provada pelo fogo. Se resistir, o indivíduo receberá a recompensa; se não resistir, sofrerá algum dano, embora será salvo, mas como que passando pelo fogo. A imagem paulina do *fogo purificador* é uma metáfora poderosa que alude a um processo de purificação das almas depois da morte. Esse fogo não é o fogo dos condenados, mas um fogo purificador, que prepara as almas para entrarem na comunhão plena com Deus. Esse *fogo purificador* aponta a ideia de que algumas almas, mesmo sendo salvas, depois da morte, necessitem de uma purificação para se libertarem das imperfeições acumuladas durante a vida terrena. Esse *fogo purificador*, segundo a tradição católica, é um símbolo do Purgatório.

O segundo texto, que aluda a uma purificação depois da morte, encontra-se no Evangelho de São Mateus:

Por isso vos digo: Todo o pecado ou blasfêmia será perdoado aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não lhes será perdoada. E, se alguém disser alguma palavra contra o Filho do Homem, há-de ser-lhe perdoado; mas, se falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo nem no mundo futuro.» (Mt 12, 31-32)

Neste texto, o próprio Jesus diz que todo o pecado ou blasfêmia serão perdoados, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada, nem neste mundo, nem no mundo futuro. A referência de um possível “*perdão no mundo futuro*” sugere a ideia de que, certos pecados poderão ser expiados depois da morte, o que reforça a ideia da existência de um estado de purificação depois da morte. O texto em si mesmo não entende falar do purgatório, mas, segundo a interpretação da Igreja, alude a uma possível purificação além da morte.

Os textos bíblicos citados, compreendidos à luz da tradição e da doutrina católica, referem um estado temporário de purificação depois da morte. Nele, manifesta-se a justiça e a misericórdia de Deus que permitir às almas uma purificação temporária, antes da *visão beatifica*.

A ANTIGA PRÁTICA DE ORAR PELOS DEFUNTOS

A doutrina do purgatório começou a formar-se ao longo dos séculos. O primeiro sinal dessa crença entre os cristãos é que, sustentados pela esperança da vida eterna, mantiveram com simplicidade a tradição de rezar pelos mortos, herdada pelo judaísmo, oferecendo para eles o sacrifício eucarístico. Quer o povo de Israel, quer os cristãos, acreditavam que é possível ajudar as almas dos fiéis defuntos, oferecendo a Deus por eles orações e sacrifícios. Assim, se foi consolidando o princípio *lex orandi lex credendi* sem necessidade de grandes elaborações teológicas.

Os testemunhos explícitos mais antigos relativos ao Purgatório são os epitáfios e as inscrições funerárias, por exemplo, o celebre epitáfio de Abércio: *“Vós que compreendeis esta linguagem e partilhais os mesmos sentimentos, rezai por Abércio”*.³ Não existia qualquer reflexão teológica, **a oração pelos defuntos constitui o primeiro lugar teológico para a identidade do Purgatório.**

A oração pelos defuntos, bem enraizada no povo de Israel e nas comunidades cristãs, representa o primeiro lugar teológico sobre o Purgatório. Tertuliano (160-220) testemunha: *“Fazemos oblações pelos defuntos, no dia anual do seu nascimento”*.⁴

A oração pelos defuntos era uma realidade concreta e verificável nas primeiras comunidades cristãs, que remetia o seu uso desde os tempos apostólicos,

“rezando por eles e pedindo a outros que também orem... Porque não sem razão foram estabelecidos pelos mesmos apóstolos estas leis; digo que durante os venerados mistérios se faça memória dos que morreram... Bem sabiam eles que disto retiram os defuntos grande proveito e utilidade”.⁵

A Liturgia desde às origens estava imbuída por esta tradição de orar pelos defuntos, de um modo particular na celebração eucarística, no memento dos defuntos, como aparece na Anáfora Siríaca dos Doze Apóstolos I:

“Aos nossos pais e irmãos, que morreram na verdadeira fé, dai-lhes a glória divina no dia do Juízo; não entres em litígio com eles, porque nenhum ser vivo é inocente diante de Ti”.⁶

A MAIS ANTIGA REFLEXÃO TEOLÓGICA

Na teologia ocidental, quem dará um passo significativo para a compreensão do purgatório é São Cipriano, bispo de Cartago (+258). A sua reflexão teológica,

³ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000³, 284.

⁴ AA.VV., *Antologia Litúrgica. Textos Litúrgicos, Patrísticos e Canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2003, 218.

⁵ Lucas MATEO SECO, *Purgatorio*, in *Gran Enciclopedia Rialp*, Vol. XIX, Ediciones Rialp, Madrid, 1974, 508.

⁶ AA.VV., *Antologia Litúrgica. Textos Litúrgicos*, 1117.

“não responde a um desenvolvimento sistemático, senão que se expressa de acordo com as necessidades pastorais em que se vê rodeado”.⁷

A partir desse testemunho primordial, a reflexão teológica sobre o purgatório começou a desenvolver-se progressivamente. **Tertuliano** (160-220) é considerado o primeiro autor cristão a debruçar-se sobre este tema. Ele testemunha: “*Fazemos oblações pelos defuntos, no dia anual do seu nascimento*”.⁸ Uma primeira referência sobre este tema encontra-se na sua obra *Paixão da Santa Perpétua*.⁹

Neste escrito, ele descreve um episódio da vida de Santa Perpétua, onde ela, em sonhos, ela visualiza o seu irmão Dinócrato, que tinha morrido bastante jovem e, provavelmente, sem batismo: estava num lugar tenebroso e com um rosto bastante triste. Depois desta visão, ela começou a orar pelo seu irmão falecido e, noutro sonho posterior, lhe apareceu com o rosto alegre; tinha trocado “*o lugar de sofrimento por uma mansão de alegria*”.¹⁰ Este episódio, na sua simplicidade, representa o primeiro testemunho escrito sobre o Purgatório, que servirá de base para posteriores reflexões.

Contudo, será na obra *Sobre a alma*, que Tertuliano desenvolve a doutrina do Purgatório. Ele, nesta fase já montanista, vê o Purgatório como um *cárcere*, no qual se tem oportunidade de pagar o “último quadrante”: converte esta passagem temporária como necessária para todos”.¹¹

A ANTIGA PRAXIS PENITENCIAL

Durante o século III, a práxis penitencial da Igreja era caracterizada pela entrada dos cristãos pecadores no *Ordo poenitentium*, e só eram novamente admitidos na comunidade depois de terem sido absolvidos e depois de terem realizado a penitência estabelecida. Porém, naquele tempo os cristãos viviam sob um clima de perseguição, por isso, São Cipriano achou por bem mitigar a disciplina penitencial, dando a possibilidade aos penitentes de receberem a absolvição antes de realizarem a totalidade da penitência.

Contudo, neste clima de perseguição, os penitentes podiam morrer antes de receberem a absolvição; para estes casos, São Cipriano afirmava: “*Se morrerem antes de serem absolvidos serão purificados pelo fogo durante certo tempo*”.¹²

⁷ Domingo RAMOS-LISSÓN, *Patrología*, EUNSA, Pamplona, 2005, 197.

⁸ AA.VV., *Antologia Litúrgica*. 218.

⁹ “Tertuliano entrou na história da doutrina sobre o purgatório antes de tudo pela obra *Paixão de santa Perpétua*, composta por ele, ou por gente que estava próxima”, in Joseph RATZINGER, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 207.

¹⁰ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 89.

¹¹ Joseph RATZINGER, *Escatología*, Editorial Herder, Barcelona, 1992³, 208.

¹² CIPRIANO DE CARTAGO, *Epistola* 55, PL 4, 358.

Ao mencionar a existência de uma purificação ultraterrena, ele formulou “claramente a ideia fundamental da doutrina ocidental sobre o purgatório”.¹³ Ele é, de facto, o primeiro a expor o tema do Purgatório de forma explícita, tendo ele com base a tradição popular de orar pelos mortos e práxis pastoral.

Os Padres da Igreja, fiéis interpretes dos ensinamentos do Senhor, enfatizaram a importância das orações dos vivos pelos mortos; entre eles **São João Crisóstomo** (347-407). Formado na escola de Antioquia, será o grande promotor da doutrina do Purgatório no Oriente; a doutrina dele constitui o ponto de referência para as Igrejas ortodoxas, até aos dias de hoje. Ele defende a existência de uma situação intermédia das almas, entre a morte e a ressurreição. Neste estado intermédio existem diferentes graus de felicidade e de desventura. Em comum com toda a Igreja, propõe a oração, os sacrifícios e a esmola como refrigério para as almas:

“Levemos-lhe socorro e celebremos a sua memória. Se os filhos de Jó foram purificados pelos sacrifícios de seu pai (Jó 1,5), porque duvidar que as nossas oferendas em favor dos mortos, lhes leva alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer as nossas orações por eles”. “Os Apóstolos instituíram a oração pelos mortos e esta lhes presta grande auxílio e real utilidade”

Quando alguém morre, não o devemos esquecer em nossas orações, pois, a nossa oração é um ato de caridade que pode ajudá-lo na sua purificação. Assim, ele confirma a crença de que as almas dos defuntos podem beneficiar da intercessão dos vivos.

No século IV, todos os teólogos orientais defendem unânimes a existência de uma purificação pós-morte (São Efrém, São Basílio, São Gregório de Nisa). São Cirilo de Jerusalém (313-386) afirmava, veementemente, nas suas catequeses mistagógicas, a existência deste estado purificador:

*“Rezamos (na Eucaristia) pelos santos padres e bispos que estão dormindo, e em geral por todos os que já dormem antes de nós, na crença de que aproveita grandemente as almas pelos quais oferecemos as orações, enquanto a vítima santa e magnífica está presente... Da mesma maneira, oferecendo a Deus nossas orações por aqueles que já dormem e pecaram, oferecemos... Cristo, sacrificado pelos pecados de todos, e ao fazê-lo, conseguimos o favor de Deus amoroso por eles e por nós”.*¹⁴

Querendo fazer um breve balanço, facilmente detetamos que a primitiva reflexão teológica relativa ao Purgatório foi trabalhada quer na Igreja do ocidente, quer na Igreja oriental. No ocidente prevalece uma perspectiva mais jurídica e moral: a purificação ultraterrena é um prolongamento da práxis penitencial, isto é, uma oportunidade para pagar o “último quadrante”. Na Igreja oriental, o Purgatório é

¹³ Joseph RATZINGER, *Escatología. La muerte y la vida eterna*, Herder, Barcelona, 2007², 241.

¹⁴ CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 5, 9-10, PG 33, 1115-1118.

enquadrado dentro do processo de divinização e assimilação a Deus. Os teólogos orientais visualizam o Purgatório como uma oportunidade *medicinal e correccional terapêutica*, distanciando-se da perspectiva jurídica ocidental. Muito mais do que dois sistemas antagônicos, encontramos com duas visões complementares.

Neste mesmo período, o Magistério eclesiástico estava mais direcionado para os temas da Escatologia comunitária (a segunda vinda de Cristo, reino não terá fim, ressurreição dos mortos), sendo estas declarações expostas principalmente nos Símbolos da Fé. As declarações mais célebres e vinculativas são: o Credo Niceno-constantinopolitano, fruto do trabalho conciliar realizado no Concílio de Niceia (325) e Constantinopla (381), *Fides Damasi* (IV), *Quicumque* (IV/V) e os Símbolos redigidos nos concílios provinciais.

OS MAIS ANTIGOS PRONUNCIAMENTOS DO MAGISTERIO

O Símbolo *Fides Damasi*, composto no século IV na França Meridional, afirmava que, “*Cremos que nós, purificados na sua morte e sangue, haveremos de ser ressuscitados por ele, no último dia, nesta carne na qual agora vivemos, e temos a esperança de alcançar ou a vida eterna como recompensa do bom mérito, ou a pena do suplício eterno pelos pecados*”.¹⁵

Do mesmo modo no Símbolo *Quicumque* ressalta que “(Cristo) subiu aos céus, está sentado (sentou-se) à direita do Pai, de onde virá para julgar os vivos e os mortos. À sua vinda, todos os homens devem ressuscitar com (em) seus corpos e hão de prestar contas de suas ações; e os que fizerem o bem irão para a vida eterna, aqueles, porém, que «fizeram» o mal, para o fogo eterno”.¹⁶

Os temas da Escatologia comunitária estarão presentes também nos vários Concílios provinciais entre os séculos VI e VII. No I Concílio de Braga (561), acolhendo a profissão de fé do I Sínodo de Toledo, ressalta a doutrina da ressurreição da carne: “*Cremos na ressurreição (futura) da carne humana*”.¹⁷

Os Concílios de Toledo, em consonância com o seu contexto teológica, também sublinharam os temas da Escatologia comunitária. O XI Sínodo de Toledo (675) sublinha e professa que,

“exemplo da nossa Cabeça acontecerá a verdadeira ressurreição da carne de todos os mortos. Cremos que não ressuscitaremos numa carne etérea... mas naquela na qual vivemos, subsistimos e nos movemos...De lá virá, com todos os santos, para realizar o juízo e dar a cada um o ajuste pelas suas obras, segundo o que, no corpo, tiver feito de bem ou de mal”.¹⁸

¹⁵ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, nº 71.

¹⁶ *Ibidem*, nº 76.

¹⁷ *Ibidem*, nº 190.

¹⁸ *Ibidem*, nº 540.

O XVI Sínodo de Toledo (693) reafirma toda a doutrina exposta na Profissão de fé do XI Sínodo de Toledo, reproduzindo as temáticas relativas à Escatologia comunitária.¹⁹

Teremos que esperar até a Idade Média para que os temas da Escatologia individual sejam objeto de reflexão teológica. Em síntese, *neste enclave histórico, o Purgatório é visto como um processo de purificação ultraterreno, que pode ser sufragado pela oração dos vivos, pela aplicação da Eucaristia e da esmola*. No período dos Padres da Igreja e dos Símbolos da Fé já encontramos a aurora da reflexão teológica relativo ao Purgatório, donde saíram as principais tonalidades para o desenvolvimento posterior.

Com o entardecer da segunda Vinda de Cristo, começou-se a refletir acerca do estado daqueles que morreram, ressoando a seguinte questão: “O que se passa com os mortos?”. Esta viragem escatológica decorre depois do Édito de Milão (313), com o qual o Imperio Romano declara a liberdade religiosa e acaba oficialmente a perseguição dos cristãos.

Durante o período patrístico na reflexão teológica era dominante a ideia da Escatologia comunitária. Na Idade Média acontece uma viragem teológica: ganhou relevo a *Escatologia individual*. Consequentemente, começou-se a refletir acerca dos temas da Escatologia individual (morte, céu, inferno, visão beatífica, juízo particular e purgatório). Contudo, será no período escolástico, que se procede à primeira grande sistematização teológica.

Neste tempo aparecem grande pensadores como Julião de Toledo, Hugo de São Victor que deram continuidade a reflexão de Santo Agostinho. Outros autores determinantes foram Pedro Lombardo, São Boaventura e São Tomás de Aquino.

A REFLEXÃO TEOLÓGICA DE SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho (354-430) deixou-nos um pequeno livrinho, muito valioso: *De cura pro mortis gerenda – O cuidado devido aos mortos*. Ele inclui a oração dos defuntos na verdade católica da comunhão dos santos, com a seguinte pergunta: «serão proveitosas as orações que o sacerdote dirige a Deus diante do altar para todos os que partiram deste mundo?» Ele responde que sim; esta oração é duplamente benéfica: beneficia os que morreram e beneficia os orantes, nos quais se fortalece a fé na ressurreição.²⁰

“Não se pode negar que as almas dos defuntos recebam alívio pela piedade dos seus parentes vivos, quando por elas se oferece o sacrifício do Mediador, ou quando se fazem esmolas na Igreja. Mas estas coisas aproveitam aquelas almas que, quando viviam, mereceram que depois pudessem aproveitá-las.”

¹⁹ *Ibidem*, nº 574.

²⁰ Santo Agostinho, *O cuidado devido aos mortos*, Ed. Paulus.

“Quando, portanto, se oferecem os sacrifícios, seja do altar, seja de qualquer tipo de esmolas por todos os batizados defuntos, para àqueles que foram muitos bons, são ação de graças; para àqueles que foram maus, ainda que não sejam de ajuda alguma para os mortos, são decerto consolação para os vivos”. (AGOSTINHO DE HIPONA, *De civitate Dei*, 20, 9, 2, PL 41, 674).

Este tratado constitui a principal base teológica e doutrinal da prática existente na Igreja do Ocidente, no que diz respeito os sufrágios pelos defuntos, e, portanto, sobre a realidade do Purgatório. Santo Agostinho recomenda os sufrágios pelos mortos e para os vivos recomenda o cuidado de alcançar méritos durante a vida terrena.

Depois dele, quem mais difundiu a oração pelos defuntos foi o Papa Gregório Magno (590-604). Ele, convencido da existência do Purgatório, começou a criar diversas formas de expressão na liturgia. É conhecido, por ter introduzido as «*Missas Gregorianas*»: um conjunto de 30 missas seguidas celebradas por um sacerdote em sufrágio de uma alma específica, não sendo possível colocar nenhuma outra intenção. A palavra «sufrágio», na linguagem litúrgica, indica os atos de piedades e orações pelos mortos.²¹

Outro autor determinante para esta área, que terá uma influência aglutinante nos séculos posteriores, é Pedro Lombardo (1100-1160). Na sua célebre obra os Livros das *Sentenças*, ele aborda o tema do Purgatório, salientando que pode perdoar os pecados veniais, mas não os graves. A sua visão do Purgatório encontra-se sempre no horizonte da enfatizada passagem 1 Cor 3,10-15. Porém, o termo Purgatório é para ele um adjetivo, mas com a tendência para a localização, com a ideia de (recetáculo) ”.²² No Mestre das *Sentenças* possuímos já um leve acentuar para a ideia do Purgatório como “lugar”.

A passagem das *Sentenças* para as *Sumas* caracterizou-se com um maior processo de compactação e sistematização da Escatologia, “com um notável aprofundamento especulativo”.²³

Para São Boaventura (1221-1274), o tema central e orbital da escatologia é o juízo. Porém, o juízo, no seu entender possui um “preâmbulo, que são o purgatório e o sufrágio pelos defuntos”.²⁴ Ele analisa a Vinda de Cristo como um processo progressivo de purificação, em que o ser humano combate para cada vez mais aderir ao bem. Na verdade, apercebemo-nos que nem sempre se consegue esta configuração, porém,

²¹ A Santa Missa representa a expressão máxima da nossa fé, pois nela se renova o sacrifício de Cristo para a salvação das almas, pois, «*é um santo e salutar pensamento orar pelos defuntos*» (2Mac 12,46). Sem descuidar das outras expressões de piedade como: orações, esmolas, obras de misericórdias e indulgências aplicadas em favor das almas.

²² *Ibidem*, 336.

²³ *Ibidem*, 338.

²⁴ *Ibidem*, 338.

“nunca o seu mérito fica sem recompensa, nem a sua falta fica impune,²⁵ ou seja, o Purgatório apresenta-nos esta purificação terrena, mas na dimensão ultraterrena, continua o processo de amadurecimento. Uma vez concluído este processo, a alma encontra-se preparada para receber “influência deiforme da glória”.²⁶

O sistema teológico de São Boaventura desenvolve o tema da comunhão dos santos, um elemento original da dimensão eclesiológica: *“em razão da sua justiça as almas do purgatório, estão unidas aos demais membros da Igreja, e por isso os méritos da Igreja os podem socorrer”.²⁷*

Mas será, sobretudo, na Idade Média, a partir do século XII que alguns pregadores e teólogos a desenvolveram ainda mais a teologia do Purgatório.²⁸

Neste período aparece o grande Doutor da Igreja, São Tomás de Aquino (1225-1274). Ele enfrenta o tema do Purgatório no seu *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*. Para ele, é no Purgatório que são perdoados os pecados leves, através da purificação pelo fogo. A seguir, elabora a distinção entre *pena de dano e pena de sentido*. A pena de dano refere-se à privação da visão beatífica, que pode ser definitiva ou temporária. A pena de sentido é a dor que brota pelo adiamento da visão beatífica. Seguindo o pensamento de São Boaventura, enquadra o Purgatório numa dimensão eclesiológica: *“o vínculo da caridade que une todos os membros da Igreja faz possível que os sufrágios dos vivos ajudem os defuntos”.²⁹*

Nesta fase, a especulação teológica é caracterizada pelo prolongamento da herança agostiniana e da tradição eclesial. O Purgatório é analisado na ótica de um prolongamento da dimensão penitencial. Contudo, é valorizada a dimensão da comunhão dos santos, progredindo a teologia do Purgatório para uma visão cada vez mais eclesiológica.

²⁵ *Ibidem*, 339.

²⁶ *Ibidem*, 339.

²⁷ *Ibidem*, 339.

²⁸ Note-se que os livros dos Macabeus, para a Igreja Católica pertencem ao cânone dos livros inspirados, denominados «deuterocanônicos»; mas, para os cristãos protestantes são considerados «apócrifos», por isso, ignoram a existência do Purgatório. A Igreja Católica, a partir da reflexão de Santo Agostinho, começou a desenvolver a doutrina sobre o Purgatório. São Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, elaborou uma reflexão mais sistemática. Muito mais tarde, o Concílio de Trento, seguindo os ensinamentos de São Tomás de Aquino, fixou de forma dogmática esta verdade de fé.

²⁹ *Ibidem*, 341.

A REFLEXÃO TEOLÓGICA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

São Tomás de Aquino (1125-1274), enfrenta o tema do Purgatório no seu *Comentário às sentenças de Pedro Lombardo* e na *Suma Teológica*.

Citando São Gregório de Nissa, diz:

«Quem vive na amizade com Jesus Cristo e não pode inteiramente purificar-se do pecado nesta vida, depois da morte purgá-lo-á nas chamas do purgatório». (Questão II, artigo I,2)

Depois, citando Santo Agostinho, acrescenta:

«o fogo do purgatório será mais doloroso que qualquer pena que possamos sentir ou imaginar neste mundo» (Questão III, 3).

Quanto às penas, lá existem *duas espécies de penas*: as penas do «dano» e as penas dos *sentidos*.

- As penas do dano. São as penas principais do Purgatório: a separação temporária de Deus para as almas que anseiam ardentemente unir-se a Deus, é para elas causa de um terrível e constante sofrimento. Como elas estão salvas e, portanto, destinadas à união com Deus, mas esta união é retardada. É um desejo ardente que não pode ser satisfeito até não estarem completamente purificadas. Esta privação, embora temporária, é para elas causa de grande dor espiritual.
- As penas dos «sentidos». São Tomás considera a possibilidade de sofrimentos semelhantes aos que se experimentam no corpo em contacto com o «fogo material». Este fogo, embora não seja um fogo material, mas um fogo purificador para a alma, que queima todos os resquícios dos pecados veniais e dos apegos terrenos, não expiados em vida.
- É importante salientar que, apesar desses sofrimentos que excedem todos os sofrimentos da vida terrena, as almas do Purgatório estão em paz porque sabem que estão destinadas à comunhão perfeita com Deus.³⁰
- O Purgatório e o Inferno são dois *lugares* diferentes, por isso, não se trata do mesmo fogo. O fogo do Purgatório é temporário, o fogo do Inferno é eterno. Sendo lugares, ocupam um certo espaço, por isso, em São Tomás, como em outros teólogos, prevalece o *realismo imaginativo*, como é representado nas artes pictóricas. Esta conceição espacial está amplamente enraizada e difundida na cultura e na piedade popular.³¹

³⁰ Quanto aos sufrágios oferecidos pelas almas do purgatório, São Tomás segue o ensinamento de Santo Agostinho: os sufrágios são proveitos tanto pelos mortos como para os vivos. São úteis para os mortos devido a intenção a eles aplicada; são úteis para os vivos porque a oração é um ato de caridade.

³¹ Porquê tanta preocupação em localizar o Purgatório? Porque, na mentalidade ocidental prevalece o conceito de *espaço cósmico*, por isso todos os seres existentes têm que estar num lugar concreto, determinado. O Purgatório, portanto, deveria estar num lugar inferior, perto do Inferno e longe do Céu, mas no caminho ascendente para o Céu. Além disso, faltava a noção de que o Céu, o Inferno e o Purgatório são estados e não lugares. Nesta imaginação figurativa do fogo entra também o próprio Santo

O PURGATORIO NA BAIXA IDADE MÉDIA

Os últimos séculos da Idade Média (XIV e XV) constituem o período áureo para o desenvolvimento da teologia e da doutrina do Purgatório, graças a duas personalidades ímpares, Dante Alighieri (1265-1321), Santa Catarina de Génova (1447-1516), e mais recentemente, Santa Faustina Kowalska (1905-1938)

Dante Alighieri na sua obra *Divina Comédia*³² dedica a segunda parte ao tema do Purgatório. Ele realiza uma das maiores sínteses sobre o Purgatório, feita até ao seu tempo, pois, descreve de forma profunda a função intermediária do Purgatório,

*“... não é um lugar intermediário neutro, é orientado. Vai da terra onde os futuros eleitos morrem, ao céu onde fica a sua morada eterna. No decurso do seu itinerário elas purgam-se, tornam-se cada vez mais puras, aproximam-se sempre mais do topo, das alturas a que se destinam. De entre todas as imagens geográficas que o imaginário do além oferecia a Dante... ele escolhe a única que exprime a verdadeira lógica do Purgatório, aquela onde se sobe, a montanha”.*³³

O Purgatório é um processo ascendente de amadurecimento que começa com a vida terrena e se prolonga depois da morte, até atingir a necessária maturidade que permite às almas a entrada na “pátria do amor trinitário”.

O Purgatório é o “*lugar da esperança e do início da bem-aventurança, da entrada progressiva na luz*”.³⁴ Descreve as almas do Purgatório em constante oração e cantando; e, fiel a tradição recebida, não recomenda os sufrágios dos vivos pelos defuntos: “*pois aqui, com a ajuda dos de lá de baixo, pode-se avançar muito*”.³⁵ Por fim, Dante ofereceu temas para a representação artística, do Purgatório, dando um contributo para o imaginário do Purgatório dos séculos posteriores.

O Purgatório em Santa Catarina de Genova (1477-1510)

Santa Catarina de Genova, freira agostinianas, teve diversas experiências místicas do Purgatório, cujos relatos foram recolhidos pelos seus confidentes espirituais; o Padre Cattaneo Marabotto fôu o redator final do famoso *Tratado do Purgatório*.

Santa Catarina de Génova representa o triunfo da visão mística sobre o Purgatório.³⁶ É uma das personagens da vida da Igreja que melhor compreende e

Agostinho, segundo o qual «será mais doloroso que qualquer pena que possamos sentir neste mundo» (p. 24).

³² Dante Alighieri escreveu a *Divina Comédia* entre o seu exílio em Florença em 1302 e a sua morte em Ravena em 1321. Esta obra encontra-se dividida em três partes: Inferno (34 cantos), Purgatório (33 cantos) e Paraíso (33 cantos).

³³ Jacques LE GOFF, *O Nascimento do Purgatório*, Editorial Estampa, Lisboa, 1995², 398. ⁵¹ *Ibidem*, 410.

³⁵ DANTE ALIGHIERI, *Divina Comédia*, Canto III, 145

³⁶ “O texto que descreve a sua vida e o seu pensamento foi publicado nessa cidade da Ligúria em 1551; ele é dividido em três partes: a *Vida* propriamente dita, a *Demonstração e declaração do purgatório* —

expressa a realidade do Purgatório.³⁷ Ela trouxe para a teologia uma lufada de ar fresco sobre este assunto, por dois motivos:

- primeiro, porque ela elabora uma analogia entre as almas do Purgatório e a experiência das almas que vivem na condição terrena. Toda a vida terrena, na nossa condição de peregrinos, sofremos um processo de purificação que se prolonga em alguns casos para além da morte. Esta purificação é realizada progressivamente pelo fogo do Amor divino, isto é, por Jesus Cristo. Ele é o Juiz de cada alma e, também, Aquele que a purifica com o Seu Amor divino.

«nesta terra, as almas passam por um processo de purificação durante alguns anos; o Purgatório seria esta mesma purificação que se prolonga para além da morte»

*«Estas almas, vivendo na caridade, e dela não podendo desviar-se por defeito atual, não podem por isso mais querer outra coisa do que o puro querer da pura caridade; e estando naquele fogo purgatório, estão na vontade divina (a qual é a pura caridade), e já não podem desviar-se dela em nada, porque não é mais possível atualmente pecar, tal como atualmente não podem merecer».*³⁸

Como o fogo purifica o ouro no crisol, assim o fogo do Amor divino purifica a alma. Deus mantém-na nesse fogo até que se consuma nela toda a imperfeição; e quando a alma se tiver purificada, fica completamente imergida em Deus.

“O amor de Deus trasborda nas almas e lhes transmite uma grande alegria; uma alegria que é impossível descrever. Esta alegria não lhes tira nem uma centelha de pena, muito pelo contrário, a acresce porque aquele amor se encontra retardado. Resumindo, as almas do purgatório experimentam uma imensa alegria e um imenso sofrimento. E uma coisa não impede a outra”.

- Segundo: uma das tónicas mais originais, e talvez inovadoras para o seu tempo, é que as almas são felizes no Purgatório. Esta felicidade está ligada ao facto de as almas do Purgatório saberem que estão salvas, e que se preparam para ir ao encontro de Deus.

*“Não há felicidade comparável às almas no purgatório, a não ser a dos santos no céu, e tal felicidade cresce incessantemente por influência de Deus, à medida que os impedimentos vão desaparecendo. Tais impedimentos são como a ferrugem e a felicidade das almas aumenta à medida que esta ferrugem diminui”.*³⁹

Outra intuição de Santa Catarina é a que procede à diferenciação entre as almas do Purgatório e aquelas que estão no Inferno: “a radical diferença entre as almas que

mais conhecida como *Tratado do Purgatório*. O redator final foi o confessor de Catarina, o sacerdote Cattaneo Marabotto” BENTO XVI, *Santa Catarina de Génova*, in *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, (15/01/2011), 3

³⁸ *Tratado do Purgatório*, I,6.

³⁹ *Tratado do Purgatório*, II,4.

estão no purgatório e das almas que estão no inferno: as almas do inferno estão em puro ódio, enquanto que, «*as almas do purgatório estão em pura caridade e não podem afastar-se da pura caridade...*»”.⁴⁰ O inferno é definitivo, o Purgatório é transitório: é antecâmara do Céu.

Contudo, este processo de purificação é marcado pela dor e pelo sofrimento. A alma é feliz e deseja ardentemente unir-se a Deus, fonte de amor e felicidade. A raiz do seu sofrimento encontra-se no pecado que impede e retarda o contacto mais íntimo e profundo com Deus. Afirma a mística que,

“mesmo quando a alma está sem pecado, tem, todavia, os seus resquícios. Não pode, por tanto, possuir a Deus, ainda que o deseje infinitamente. Daqui nasce a sua pena, que é uma pena de amor, e esta pena diminui cada vez mais à medida que se aproxima do momento de unir-se a Deus”.⁴¹

Para Santa Catarina, as almas, depois do juízo particular, apercebem-se da sua imperfeição e da necessidade de purificação. Estão plenamente conformadas à Vontade de Deus; passam por um indizível sofrimento purificador, mas, ao mesmo tempo, experimentam uma grande alegria por saberem que já estão salvas e que estão a preparar-se para a «visão beatífica».

O Purgatório é, portanto, o estado de purificação das almas depois da morte. Elas estão plenamente conformadas à Vontade de Deus e atraídas pelo fogo purificador do Seu Amor. Passam por um processo de purificação: sofrem por verem as impurezas dos seus pecados que impede ou retardam a visão de Deus; mas, na medida que avançam nessa purificação, experimentam uma crescente alegria que brota da certeza de que estão destinadas à felicidade eterna do Céu.

NA ÉPOCA DA REFORMA E CONTRA-REFORMA

O tema do Purgatório não é ignorado nas controvérsias teológicas do século XVI. O iniciador de todo este debate é Martinho Lutero (1483-1546). No início da contestação, Lutero não nega a existência do Purgatório. Inicialmente aceitava a existência do Purgatório, “*baseando-se principalmente na tradição patrística, mas sem captar, segundo parece, a incoerência que introduzia no seu sistema*”.⁴² Um dado que negou sempre foi a impossibilidade de provar a existência do Purgatório através da Sagrada Escritura; mesmo estando implícito no 2 Livro dos Macabeus, mas ele não considerava este livro canónico, logo não era vinculativo para a fé.⁴³

⁴⁰ Livio FANZAGA, *Mirada sobre la eternidad. Muerte, juicio, infierno, paraíso*, Descleé de Brouwer, Bilbao, 2005, 138.

⁴¹ *Ibidem*, 139.

⁴² Juan RUIZ DE LA PEÑA, *La pascua de la creación. Escatología*, 287.

⁴³ “Na disputa de Leipzig, em 1519, Lutero nega apenas que o purgatório possa ser provado pela Escritura (tese 37). Em 1521, no seu panfleto De abroganda Missa, ensina que não teme enganar-se ao negar o purgatório. Na confissão de Ausburgo, a questão do purgatório não é abordada graças ao desejo conciliador e à tendência catolicizante de Melanchton” in Maria Manuela CARVALHO, *A Consumação do Homem e do Mundo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002, 141.

Em 1520, o Papa Leão X através da Bula *Exsurge Domine* condenou algumas proposições defendidas por Lutero, entre as quais:

“37. O purgatório não pode ser provado mediante a Sagrada Escritura contida no cânon; 38. As almas do purgatório não estão seguras da própria salvação, ao menos nem todas; e não está provado por nenhum argumento racional, nem pela Escritura, que elas se encontram fora da condição de merecer a caridade ou de crescer nela; 39. As almas do purgatório pecam de modo contínuo sempre que procuram repouso e têm horror das penas; 40. As almas libertadas do purgatório pelos seus sufrágios dos que estão vivos gozam menor felicidade que se tivessem cumprido a satisfação por si mesmas”.⁴⁴

Nestas condenações, facilmente entramos no âmago das críticas luteranas: a impossibilidade de comprovar a existência do Purgatório recorrendo à Bíblia e a dificuldade de compreensão do processo de purificação ultraterrena.

Lutero considera a crença no Purgatório promotora da prática das indulgências, que se podiam lucrar para serem aplicadas aos fiéis defuntos, e uma aplicação nestas últimas de uma intercessão que não a de Cristo e dos seus méritos. Na ótica luterana procedia-se à aplicação de obras humanas aos defuntos.

Depois desta primeira fase de aceitação do Purgatório por via da tradição e não da Escritura, Lutero repara na incongruência da crença do Purgatório face ao seu sistema de justificação. Neste momento, entra na fase da negação total da crença no Purgatório.

Esta fase situa-se em 1530 com a escrita do célebre manifesto *Widerruf vom Fegfeuer* (Retratação do Purgatório).⁴⁵ Para se compreender esta negação total do Purgatório, é preciso compreender a doutrina da justificação luterana. Para o reformador alemão, “a justificação há-de consistir, por conseguinte, na ação pela qual Deus, em vez de imputar ao ser humano o seu pecado, o imputa a justiça de Cristo. Se trata, pois, antes de tudo, de uma declaração, em virtude da qual Deus tem por justo ao que era (e continua sendo) pecador”,⁴⁶ ou seja, segundo a ótica luterana, seria absurdo a existência de uma purificação ultraterrena, pois o ser humano já foi justificado pelos méritos de Cristo. “Como admitir, por conseguinte, que o justificado tenha de purificar-se, todavia, antes da entrada no céu? O defeito da sua santidade seria o defeito da santidade que o imputa, isto é, a mesma santidade do Filho”.⁴⁷

⁴⁴ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, nº 1487.

⁴⁵ “Em *Widerruf vom Fegfeuer*, Lutero lança uma longa diatribe contra a tese católica da existência do purgatório, contra os textos da Escritura normalmente apresentados e contra a comercialização que esta doutrina proporciona”, in Maria Manuela CARVALHO, *A Consumação do Homem e do Mundo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2002, 141.

⁴⁶ Juan RUIZ DE LA PEÑA, *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991, 290

⁴⁷ IDEM, *La pascua de la creación. Escatología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 20003, 287.

Martinho Lutero não foi o único abordar a temática do Purgatório; o reformador francês, João Calvino, escreveu na sua obra *Institutio christiana*: “faz já mil e trezentos anos que se introduziu o costume de orar pelos defuntos. Todos os antigos se deixaram arrastar por este erro. Eu creio que se guiaram por um sentimento humano: não os devemos imitar nisto”.⁴⁸ Do mesmo modo, o reformador de Zurique, Zuínglio nega a existência deste estado, por causa da impossibilidade de uma intervenção da Igreja, num processo de justificação somente pela fé.

A resposta a este movimento contestatário evangélico opera-se no Concílio de Trento (1545-1563). O Concílio de Trento trata do Purgatório nos seguintes decretos: Decreto sobre a Justificação,⁴⁹ Decreto sobre a Doutrina do Santo Sacrifício da Missa⁵⁰ e no Decreto sobre o Purgatório.⁵¹ O Concílio de Trento abordou a temática do Purgatório nas perspetivas doutrinal e disciplinar.

A perspetiva doutrinal consolida-se no Decreto da Justificação:

“igualmente na satisfação, por jejum, esmolas, orações e outras práticas piedosas de vida espiritual, não certamente por causa da pena eterna, que, junto com a culpa, é perdoada mediante o sacramento ou o desejo do sacramento, mas por causada pena temporal”.⁵²

No cânone 30 deste mesmo decreto declara que:

“Se alguém disser que a qualquer pecador penitente, depois que recebeu a graça da justificação, é perdoada a culpa e cancelado o débito da pena eterna, de modo tal que não lhe fique débito algum de pena temporal para descontar neste mundo ou no futuro, no purgatório, antes que lhe sejam abertas as portas do reino dos céus; seja anátema”.⁵³

Na mesma linha doutrinal, o tema do Purgatório é invocado no *Decreto sobre a Doutrina do Santo Sacrifício da Missa*. Neste decreto, o tema do Purgatório aparece ligado ao tema da dimensão propiciatória da Eucaristia.

No capítulo 2 expõe que:

⁴⁸ JOÃO CALVINO, *Institutio christiana*, 3, 5, 10.

⁴⁹ Este decreto foi promulgado na 6ª sessão do Concílio de Trento no dia 13 de janeiro de 1547; “No decreto são afastadas sobretudo as doutrinas de Lutero sobre a justificação e sobre a cooperação do homem com a graça, além dos conceitos de João Calvino sobre a predestinação, mas também os erros doutrinários de Joviniano e Pelágio, que negaram a necessidade da graça para obter e conservar a justificação”, in Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, 400.

⁵⁰ Este decreto foi promulgado na 22ª sessão do Concílio de Trento no dia 17 de setembro de 1562.

⁵¹ Este decreto foi promulgado na 25ª sessão do Concílio de Trento no dia 3 de dezembro de 1563. “A questão do purgatório foi tratada – juntamente com a das indulgências – pela primeira vez, de 19 de jun. a 25 de jul. 1547 em Bolonha. No fim de nov. 1563, os padres conciliares a retomaram e com grande pressa formularam o decreto para terminar o mais breve possível o concílio”, in *Ibidem*, 458.

⁵² *Ibidem*, nº 1543.

⁵³ *Ibidem*, nº 1580.

*“Os frutos desta oblação (cruenta) são recebidos abundantemente por esta oblação incruenta: só não pode admitir que, por esta, aquela seja de algum modo derogada (cân. 4). Por isso, segundo a tradição dos Apóstolos, é legitimamente oferecida não só pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades dos fiéis vivos, mas também pelos falecidos em Cristo ainda não plenamente purificados”.*⁵⁴

O cânone 3 do referido decreto reforça a doutrina exposta na parte doutrinal deste decreto.⁵⁵ No plano disciplinar, num breve *Decreto sobre o Purgatório*, o Concílio expõe algumas orientações pastorais, que visam regular e melhorar a exposição desta temática pelos pastores. O Decreto exorta:

*“Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecuménico, ensinou que o purgatório existe (cf. 1589) e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar (cf. 1743 e 1753), o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenham diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte. Nas pregações populares dirigidas ao povo rude evitem-se as questões mais difíceis e subtis, que não levam à edificação e com as quais geralmente não se incrementa a piedade. Assim também não permitam que se divulguem e tratem pontos incertos ou que possam parecer falsos. Proibam ainda, como escândalo e estorvo para os fiéis, aquelas questões que dizem respeito à curiosidade ou à superstição ou têm sabor de lucro torpe”.*⁵⁶

A linguagem deste Concílio está em perfeita sintonia com os Concílios anteriores, optando por uma linguagem sóbria, simples e concreta. Este decreto do Concílio de Trento “*não afirma que no purgatório haja fogo, nem que seja lugar, nem que a purificação se estenda por um prazo determinado pelo tempo...Neste sentido, a crítica protestante teve um efeito purificador dentro da Igreja católica*”.⁵⁷

Contudo, nota-se uma diferente acentuação: “*os concílios anteriores mencionavam especialmente como sufrágios o sacrifício da missa, a oração, e a esmola, Trento contenta-se com a alusão específica à primeira*”.⁵⁸

Posteriormente ao encerramento do Concílio de Trento, o Purgatório é objeto de referência em profissões de fé ou em decretos relacionados com os cristãos

⁵⁴ *Ibidem*, nº 1743.

⁵⁵ “Cân. 3. Se alguém disser que o sacrifício da Missa só é de louvor e ação de graças, ou mera comemoração do sacrifício na cruz, porém não «sacrifício» propiciatório; ou que só aproveita a quem o recebe e não se deve oferecer pelos vivos e defuntos, pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades: seja anátema”, in *Ibidem*, nº 1753.

⁵⁶ *Ibidem*, nº 1820.

⁵⁷ Franz-Josef NÖCKE, *Escatología*, Herder, Barcelona, 1984, 169.

⁵⁸ Luis LADARIA, «Fin del hombre y fin de los tiempos», in Bernard SESBOUÉ, (dir.), *Historia de los dogmas. El hombre y su salvacion*, Vol. II, Secretariado Trinitário, Salamanca, 1996, 350.

orientais. Logo a seguir ao encerramento do Concílio, o Papa Pio IV (1559-1565) na Bula *Iniunctum nobis* (1564) professa veementemente: “*Sustento com constância que existe o purgatório e que as almas ali prisioneiras são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis*”.⁵⁹ Em contrapartida, os papas Gregório XIII (1572-1585) e Bento XIV (1740-1785) em decretos dirigidos aos cristãos orientais exponham a doutrina do Purgatório parafraseando o texto aprovado no Concílio de Florença, na Bula *Laetentur caeli* (1439).

Em balanço, até ao século XX o tema do Purgatório não será objeto de grandes novidades na reflexão teológica ou em declarações eclesiais; simplesmente se recapitula a doutrina exposta nos séculos pretéritos. Somente durante o século XX se irá operar, segundo a expressão de Yves Congar, o “purgatório do Purgatório”⁶⁰, ou seja, uma purificação e renovação da teologia sobre o Purgatório, libertando-se do imaginário distorcido criado nos séculos anteriores.

O Purgatório em Santa Faustina Kowalska (1905-1938)

Santa Faustina, no seu «*Diário*»,⁶¹ relata uma experiência mística que ela teve para com uma freira falecida que, numa primeira aparição, surgiu envolvida nas chamas de purificação e, numa segunda aparição, embora ainda estivesse no Purgatório, sua condição já se apresentava diferente:

eu [Faustina] não cessava de rezar. Depois de algum tempo, [a Irmã falecida] veio visitar-me novamente à noite, mas num estado diferente. Já não estava em chamas, como antes, e o seu rosto estava radiante, os olhos brilhavam de alegria e me disse que tenho o verdadeiro amor para com o próximo, que muitas outras almas tiraram proveito das minhas orações e me encorajou a não deixar [de rezar] pelas almas que sofrem no purgatório e me disse que ela já não ficaria por muito tempo no purgatório. Os desígnios de Deus são verdadeiramente admiráveis!

Vi o anjo da Guarda que disse que o seguisse”, escreveu no ano 1926. “Em um momento me encontrei em um lugar nebuloso, cheio de fogo e havia ali uma multidão de almas sofrendo. Estas almas estavam orando com grande fervor, mas sem eficácia para elas mesmas; somente nós podemos ajudá-las. As chamas que as queimavam, não me tocavam. Meu anjo da guarda não me abandonou em nenhum momento. “Perguntei a estas almas qual era o seu

⁵⁹ Heinrich DENZINGER, Peter HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*, Paulinas: Edições Loyola, São Paulo, 2007, nº 1867.

⁶⁰ Yves CONGAR, «Que sabemos nós do Purgatório?», in *Vasto Mundo, nosso Mundo. Verdade e Dimensões da Salvação*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1961, 87.

⁶¹ Santa Faustina Kowalska, *Diário – A Misericórdia Divina na minha vida*, Edições dos Marianos da Imaculada Conceição, (5ª edição), Fátima 2019.

maior tormento. E me responderam de maneira unânime que o maior tormento era a saudade de Deus”.⁶²

Nesta passagem, como noutras, onde Santa Faustina fala do Purgatório, as expressões que ela usa confirmam a sua conceição do Purgatório como lugar físico: uma prisão, onde as almas estão a arder nas chamas vivas de um fogo real. Ela própria apercebe-se disso e tenta corrigir esta visão quando, ao convite de Jesus, responde: «Compreendo, ó meu Jesus, o significado das palavras que me diriges, mas permite que penetre antes no tesouro da Tua Misericórdia».

O Purgatório não é um lugar físico, mas é puramente espiritual: o Coração Misericordioso de Jesus. Esse Coração, onde está o tesouro da Sua Misericórdia, ao qual temos fácil acesso na presença eucarística. Jesus, numa outra visão mística, mandou que ela rezasse a *Novena à Divina Misericórdia*:

*«Durante estes nove dias, desejo que me tragas as almas à fonte da Minha Misericórdia, para que possam receber força, alívio e todas as graças que precisam nas provações da vida e, principalmente, na hora da morte».*⁶³

*Hoje traz-Me as almas que se encontram na prisão do Purgatório e mergulha-as no abismo da Minha Misericórdia; que as torrentes do Meu Sangue refresquem o seu ardor. Todas estas almas são muito amadas por Mim e pagam as dívidas à Minha Justiça. Está ao teu alcance trazer-lhes alívio. Tira do tesouro da Minha Igreja todas as indulgências e oferece-as por elas. Oh, se conhecesses o seu tormento, incessantemente oferecerias por elas a esmolas do espírito e pagarias as suas dívidas à Minha Justiça.*⁶⁴

As almas do Purgatório «estão encerradas no coração tão compassivo de Jesus», de facto é «o fogo do amor de Cristo» o único fogo purgatório. Esta referência ao «Coração misericordioso de Jesus», no qual estão encerradas as almas do Purgatório, desfaz por completo a ideia material, cosmológica do Purgatório: as almas não estão num lugar, são purificadas pelo fogo do Amor de Cristo, simbolizado no Seu Coração Misericordioso.

Tira do tesouro da Minha Igreja todas as indulgências e oferece-as por elas. As almas do Purgatório sentem-se profundamente consoladas pelas orações e pelos sacrifícios que os cristãos oferecem por elas: são como um bálsamo para suas dores e aliviam o peso da purificação. É uma consolação que não elimina totalmente os seus sofrimentos, mas os torna mais suportável, infundindo-lhes paz e alegria. Sendo ajudadas pelas orações dos que ainda vivem na terra, fica abreviado o tempo de purificação. Essa assistência espiritual também as faz sentir-se amadas e lembradas, renovando nelas o desejo de unir-se a Deus.

⁶² Diário, p. 10, n. 20.

⁶³ Diário, p. 330.

⁶⁴ Diário, pp. 334-335.

Tal revelação acontece no contexto da oração, particularmente da adoração eucarística, para a qual Santa Faustina se sentia especialmente atraída, em conformidade com o nome que ela própria assumiu, Irmã Faustina do Santíssimo Sacramento.⁶⁵

O Purgatório não é um castigo: é uma oportunidade.

O Purgatório é uma criação da Misericórdia Infinita de Deus que quer a salvação de todos os homens, por Ele criados a sua própria imagem e semelhança e destinados à bem-aventurança eterna (cf. Catecismo n. 1), isto é, à «visão beatífica», que é, ver a Deus «face-a-face», assim como Ele é (cf. 1Cor 13,12).

Deus é Santo, três vezes Santo (Is 6,8), ninguém pode vê-Lo nesta vida. Só depois da morte, quando entraremos na dimensão da eternidade, e que O poderemos ver, mas não podemos entrar em comunhão perfeita com Ele se tivermos resquícios de pecado. Temos de nos purificar ou durante a vida terrena ou depois da morte: é este o Purgatório. A Carta aos Hebreus di-lo claramente: “*sem a santidade ninguém pode ver a Deus*” (Hb 12, 14).

O PURGATÓRIO NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

A Igreja Católica, no decurso das gerações, tem ensinado uma doutrina própria sobre o Purgatório. É este um ponto doutrinal exclusivo da Igreja Católica, não sendo aceite pelas outras Igrejas separadas de Roma.

O primeiro dado importante é que existe na Igreja Católica uma longa tradição, herdada do povo de Israel que costumava orar pelos mortos. Desde as suas origens, continuou sem interrupções orar pelos defuntos, mesmo não tendo uma ideia clara sobre a purificação das almas depois da morte.

A partir do século II, é possível encontrar documentos que atestam que os cristãos costumavam orar pelos defuntos, continuando a tradição já existente no judaísmo; no século III, esta tradição estava bem consolidada, pois os cristãos oravam pelos mortos e ofereciam para eles a Santa Missa, o que que continua ainda hoje. Por isso, a única coisa que é possível fazer é ver se houve alguma evolução no modo de apresentar esta verdade de fé.

Esta verdade de fé sempre existiu, embora, só chegou a ser definida claramente pelo Segundo Concílio de Lião (1274), depois, pelo Concílio de Florença (1439) e, enfim, pelo Concílio de Trento (1545-1563).⁶⁶

⁶⁵ Cf. Diário, p. 6.

⁶⁶ A Igreja Católica, seguindo a linha de pensamento tomista, entendeu o Purgatório como sendo um «lugar». Um lugar de sofrimento purificador dos pecados veniais depois da morte. Trata-se de uma conceção teológica influenciada pela tendência jurídica daquela época: ao pecado corresponde uma pena: o fogo do Purgatório. Nesta conceção prevalece a ideia de «lugar» e de «fogo». Cf. pp. 30-31.

Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecuménico, ensinou que o purgatório existe (cf. 1589) e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar (cf. 1743 e 1753), o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenham diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte. (Concílio de Trento, Decreto sobre a Eucaristia, cap. 3)

O Purgatório no Catecismo de Pio X (1903-1914)

O Catecismo de Pio X, que várias gerações apreenderam de cor, ensinava:

1460- *Onde se encontram os membros da Igreja?*

- *Os membros da Igreja encontram-se parte **no Céu**, e formam a Igreja triunfante; **parte no Purgatório**, e formam a Igreja padecente; **parte na terra**, e formam a Igreja militante.*

7780 - *Por que na confissão se impõe uma penitência?*

- *Impõe-se uma penitência porque de ordinário, depois da absolvição sacramental que perdoa a culpa e a pena eterna, resta uma **pena temporal a pagar neste mundo ou no Purgatório**.*

7870 - *Vão logo para o Céu os que morrem depois de ter recebido a absolvição, mas antes de terem satisfeito plenamente à justiça de Deus?*

- *Não; eles **vão para o Purgatório**, para **ali** satisfazerem à justiça de Deus e se purificarem inteiramente.*

7880 - *Podem as almas que estão no Purgatório ser aliviadas por nós nas suas penas?*

- *Sim, **as almas que estão no Purgatório** podem ser aliviadas com orações, com esmolas, com todas as demais obras boas e com as indulgências, mas sobretudo com o Santo Sacrifício da Missa.*

Com alguma facilidade damo-nos conta de que prevalece aqui a ideia de um lugar, *lugar para onde as almas vão*, e no qual sofrem as penas purificadoras que as tornam dignas da felicidade eterna do Céu.

O Purgatório no Catecismo da Igreja Católica.

O Catecismo da Igreja Católica, publicado em língua portuguesa em 1999, reafirma e expõe, de forma clara e resumida, a doutrina tradicional da Igreja sobre o Purgatório. Sob o título: «**A purificação final ou Purgatório**» (n. 1030-1032). No essencial, mantém o ensino tradicional dos Concílios de Florença e de Trento:

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu (CIC 1030)

A Igreja chama de Purgatório a purificação final dos eleitos, o que é absolutamente distinta do castigo dos condenados... A Tradição da Igreja, referindo-se a certos textos da Escritura (1Cor 3,15; 1Pe 1,7) fala dum fogo purificador. (CIC 1031)

Esta doutrina apoia-se também na antiga prática de orar pelos defuntos, de que já fala a Sagrada Escritura: «Por isso, pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas» (2 Mac 12,46). (CIC 1032)

A Igreja, desde os primeiros tempos, honrou a memória dos defuntos, oferecendo por eles sufrágios e, particularmente, o Sacrifício eucarístico para que, purificados dos seus pecados, pudessem chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos.

A seguir recorda a exortação de São João Crisóstomo: «Socorramo-los e façamos comemoração deles. Se os filhos de Job foram purificados pelo sacrifício do seu pai (Job 1,5) por que duvidar de que as nossas oferendas pelos defuntos lhes levam alguma consolação? [...] «Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer por eles as nossas orações»⁶⁷

Fala de um fogo purificador e não faz nenhuma referência a um lugar onde as almas se encontrem em vista de realizarem a sua purificação.

O Purgatório, no ensinamento do Papa de Paulo VI.

O conteúdo essencial da doutrina da Igreja Católica sobre o Purgatório encontra-se resumida e reafirmada no documento de Paulo VI sobre as indulgências:

Podem restar, e de fato restam penas a expiar ou sequelas de pecados a purificar, mesmo depois de remida a falta; a doutrina relativa ao purgatório mui bem o mostra: nesse lugar, com efeito, as almas dos defuntos que "verdadeiramente penitentes deixaram esta vida na caridade de Deus, antes de terem satisfeito suas ofensas e omissões por justos frutos de penitência", são após a morte purificadas pelas penas purgatórias.⁶⁸

Segundo o ensinamento da igreja, o Purgatório tem uma duração limitada, é transitório, não é eterno. Deixará de existir ao fim do mundo, depois do juízo final. Evita falar de espaço e de tempo, conceitos usados neste mundo, que não sabemos se podem ser aplicados à vida depois da morte.

Segundo a Tradição secular de Igreja, as penas das almas do Purgatório têm duração limitada. É Deus que determina a duração por cada alma; mas devido a fé na *Comunhão dos Santos*, este tempo pode ser abreviado pelos sufrágios, orações e esmolas dos fiéis, que atingem no tesouro espiritual dos méritos de Cristo e dos santos.

⁶⁷ Catecismo da Igreja Católica, n. 1032. Cita: São João Crisóstomo, *Epístola aos Coríntios*, 41. Além disso, nas notas, apoia-se no Concílio de Florença, no Concílio de Trento e no Concílio de Lião.

⁶⁸ Paulo VI, Constituição apostólica, *Indulgentiarum doctrina*, publicada em 1 de janeiro de 1967

O Papa João Paulo, falou do Purgatório na Audiência de 4 de agosto de 1999, som o título: «**A necessária purificação para o encontro com Deus**».

Com base na opção definitiva a favor de Deus ou contra Ele, o homem encontra-se diante de uma das alternativas: ou vive com o Senhor na bem-aventurança eterna, ou permanece longe da sua presença. Para quantos se encontrarem em condição de abertura a Deus, mas de modo imperfeito, o caminho rumo à plena bem-aventurança requer uma purificação, que a fé da Igreja ilustra através da doutrina do «purgatório»⁶⁹ ... Quem, ao momento da morte, não tem esta integridade deve passar pela purificação. São Paulo sugere que no juízo particular «*Se a obra construída subsistir, o construtor receberá a paga. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá a perda. Ele, porém, será salvo, como que através do fogo*» (1 Cor 3, 14-15).

Durante a nossa vida terrena somos chamados a sermos perfeitos como o Pai celeste (cf. Mt 5, 48), a crescermos no amor para sermos firmes e irrepreensíveis diante de Deus Pai (1 Ts 3, 12 s.), a «*purificar-nos de toda a imundície da carne e do espírito*» (2 Cor 7, 1; cf. 1 Jo 3, 3), porque o encontro com Deus requer uma pureza absoluta. Todo o vestígio de apego ao mal deve ser eliminado; toda a deformidade da alma deve ser corrigida. A purificação deve ser completa. É precisamente isso que doutrina da Igreja entende quando fala do Purgatório.⁷⁰ O estado de purificação depois da morte não é um prolongamento da situação terrena, como se depois da morte se desse uma ulterior possibilidade de mudar o próprio destino.⁷¹

O último aspeto importante que a tradição da Igreja sempre evidenciou, deve ser hoje reproposto – diz ainda o Papa João Paulo II: é o da **dimensão comunitária**. Com efeito, aqueles que se encontram na condição de purificação estão ligados tanto aos bem-aventurados, que já gozam plenamente a vida eterna, como a nós que caminhamos neste mundo rumo à casa do Pai (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1032). Assim como na vida terrena os crentes estão unidos entre si no

⁶⁹ O Papa cita o *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1030-1032.

⁷⁰ O Papa João Paulo II esclarece: «O termo Purgatório não indica um lugar, mas uma condição de vida. Aqueles que depois da morte vivem num estado de purificação já estão no amor de Cristo, o qual os alivia dos resíduos da imperfeição. (cf. Conc. Ecum. de Florença, *Decretum pro Graecis*: DS 1304; Conc. Ecum. de Trento, *Decretum de iustificatione*: DS 1580; *Decretum de purgatorio*: DS 1820)»

⁷¹ O Papa João Paulo II esclarece: «O ensinamento da Igreja a respeito disto é inequívoco e foi reafirmado pelo Concílio Vaticano II, que assim ensina: «*Como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, - seguindo a recomendação do Senhor - vigiemos continuamente, a fim de que no termo da nossa vida sobre a terra, que é só uma* (cf. Hb 9, 27), mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os eleitos (cf. Mt 25, 31-46), e não sejamos lançados, como servos maus e preguiçosos (cf. Mt 25, 26), no fogo eterno (cf. Mt 25, 41), nas trevas exteriores, onde "haverá choro e ranger de dentes" (Mt 22, 13 e 25, 30)» (*Lumen gentium*, 48).

único Corpo místico, assim também após a morte aqueles que vivem no estado de purificação experimentam a mesma solidariedade eclesial que opera na oração, nos sufrágios e na caridade dos outros irmãos na fé. A purificação é vivida no vínculo essencial que se cria entre aqueles que vivem a vida do século presente e os que já gozam a bem-aventurança eterna.

O Purgatório, no ensinamento do Papa Bento XVI.

O Papa Bento XVI, com a *Encíclica «É na esperança que fomos salvos»* publicada em 2017, deixou-nos um pronunciamento elucidativo sobre este tema. Ele afirma:

É o encontro com Ele que, queimando-nos, nos transforma e liberta para nos tornar verdadeiramente nós mesmos. As coisas edificadas durante a vida podem então revelar-se palha seca, pura fanfarronice e desmoronar-se. Porém, na dor deste encontro, em que o impuro e o nocivo do nosso ser se tornam evidentes, está a salvação. O seu olhar, o toque do seu coração cura-nos através de uma transformação certamente dolorosa “como pelo fogo”. Contudo, é uma dor feliz, em que o poder santo do seu amor no penetra como chama, consentindo-nos no final sermos totalmente nós mesmos e, por isso mesmo totalmente de Deus.⁷²

A seguir, na Audiência-geral de 12 de dezembro de 2011 retoma o tema do Purgatório, citando Santa Catarina de Genova «conhecida, sobretudo pela sua visão do purgatório»: é o Amor Infinito de Deus que purifica as almas: «E este é o fogo que purifica, é o fogo interior do purgatório».

A alma está consciente do imenso amor e da justiça perfeita de Deus e, por conseguinte, sofre por não ter correspondido de modo coreto e perfeito a tal amor, e precisamente o amor a Deus torna-se chama, é o próprio amor que a purifica das suas escórias de pecado.

Com isso, introduz, um desenvolvimento importante sobre a doutrina do purgatório, o qual deixa de ser entendido como um *lugar* e passa a ser entendido como um *estado*.

Conclusão:

O Purgatório, portanto, não é um castigo, mas uma oportunidade que Deus, na Sua Infinita Misericórdia, oferece às almas de se purificarem depois da morte. As almas, com a morte, são colocadas diante da verdade, reconhecem o Amor de Deus e veem com clareza os seus pecados, por isso, entram livremente num processo de

⁷² Bento XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, n. 47.

purificação: sofrem por estarem longe de Deus e, ao mesmo tempo, gozam de uma imensa felicidade por saberem que, com certeza, alcançarão a «visão beatífica».

Cada ser humano é pecador, deveria purificar-se durante a vida terrena, mas nem sempre consegue. Pode recorrer ao Sacramento da Confissão e receber o perdão dos seus pecados, mas nem sempre - talvez raramente – tem uma verdadeira contrição interior, um sincero arrependimento e a vontade firme de se emendar; por causa dessa resistência interior, ele pode morrer sem ter eliminado completamente em si a desordem do pecado.

O Purgatório é a oportunidade que Deus oferece porá se purificarem depois da morte, afim de chegarem ao Paraíso. É um estado transeunte, um processo de santificação, onde a alma é transformada e cada vez mais inflamada pelo amor Infinito de Deus, rejeita o pecado, purifica-se, cresce em santidade, até torna-se digna da «visão beatífica».

COMO AJUDAR AS ALMAS DO PURGATÓRIO

A Igreja recomenda diversas práticas espirituais que podem ajudar a sufragar as almas do purgatório, refletindo a caridade cristã e a solidariedade entre os vivos e os mortos. A oração, nas suas diversas formas, é a prática mais essencial. Pela oração podemos manifestar o nosso amor e compaixão pelas almas que estão a purificar-se no Purgatório e, reconhecer que essas fazem parte da comunhão dos santos.

A **celebração da Missa** em sufrágio dos falecidos é uma das mais eficazes formas de intercessão

A indulgência obtém-se mediante a Igreja que, em virtude do poder de ligar e desligar que lhe foi concedido por Jesus Cristo, intervém a favor dum cristão e lhe abre o tesouro dos méritos de Cristo e dos santos, para obter do Pai das misericórdias o perdão das penas temporais devidas pelos seus pecados. É assim que a Igreja não quer somente vir em ajuda deste cristão, mas também incitá-lo a obras de piedade, penitência e caridade». (Catecismo 1478)

Santo Alberto Magno dizia que Deus no Céu se comunica às almas pela *visão beatífica*, isto é, sem a mediação sensível do Sacramento da Eucaristia, pois,

*Este sacramento é a mais perfeita aproximação da vida eterna, porque esta consiste em saborear a doçura de Deus que se comunica a si mesmo e aos bem-aventurados.*⁷³

Além da Missa, práticas como a **Via-Sacra e a recitação do Rosário, a oferta das indulgências** que podem ser aplicadas em sufrágio das almas. Assim como outras devoções, como as novenas e a recitação de salmos. Todas as formas de oração, não só nos aproximam de Deus, mas também fortalecem o laço espiritual entre nós que ainda vivemos na terra e as almas do Purgatório que aguardam a entrada na vida eterna.

Através dessas práticas, os cristãos reafirmam sua fé na comunhão dos santos, oferecendo suas ações como instrumentos de amor que possibilitam a purificação e a libertação das almas do purgatório.

Bibliografia

- Este artigo tem como base: Ângelo Fernando Gregório Ramos Santos, *o purgatório na escatologia católica, Uma identidade em construção*, **Universidade Católica Portuguesa**, Dissertação Final sob orientação de: Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, Braga, 2015
- Catecismo da Igreja Católica, *Artigo 12: «Creio na Vida Eterna»;*
- Manuel Alberto Pereira de Matos, *O Purgatório, fogo do Amor de Cristo*, Editora Paulus, 2025, pp. 5-56.

⁷³ Santo Alberto Magno, *Comentário sobre o Evangelho de São Lucas*.